



EXERCÍCIOS DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA CRIANÇA-MULHER-MÃE-EDUCADORA EM SUAS PRÁTICAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS COM E NATUREZA

Ariela Gomes¹

Mirian Lange Noal²

Resumo: A pesquisa focalizou o brincar livre com a natureza, como direito das crianças pequenas. Das inquietações pessoais, foram gestadas as perguntas: Como as experiências vividas no decorrer da história de vida de uma criança-mulher-mãe-educadora gestam sensibilidades de estar com e na natureza, exercitando a liberdade e a escuta com as crianças pequenas? Qual educação infantil as crianças querem e têm direito para se conectarem com as suas humanidades? Na sequência, o objetivo foi compreender as nascentes de uma proposta de educação infantil que se abre para experiências político-pedagógicas a serem vividas com as crianças, em espaços externos e com a natureza, na cidade de Bonito/MS. O percurso se fez por meio de narrativas autobiográficas, com foco na organização das cidades e no brincar livre na e com a natureza. A pesquisa de campo foi realizada em uma instituição educativa, a qual tem como proposta político-pedagógica o brincar livre e a escuta sensível. As narrativas autobiográficas evidenciaram a importância da conexão da mulher-educadora com a criança que nela habita para estar, efetivamente, com as crianças pequenas sem exercer o adultocentrismo. A pesquisa de campo gestou esperança, com o registro de crianças pequenas brincantes que vivem as suas infâncias com e na natureza.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincar. Crianças pequenas. Narrativas autobiográficas.

AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVE EXERCISES OF A CHILD-WOMAN-MOTHER-EDUCATOR IN HER POLITICAL-PEDAGOGICAL PRACTICES WITH AND IN NATURE, BONITO/MS

Abstract: *The research focused on playing freely with and in nature as a right of young children. From personal concerns, the questions were raised: How do the experiences lived throughout the life story of a child-woman-mother-educator generate sensibilities of being with and in nature, exercising freedom and listening to young children? What early childhood education do children want and have the right to connect with their humanities? Next, the objective was to understand the sources of a proposal for early childhood education that opens up to political-pedagogical experiences to be lived with children, in external spaces and with nature, in the city of Bonito/MS. The course was made through autobiographical narratives, focusing on the organization of cities and free play in and with nature. The field research was carried out in an educational institution, which political-pedagogical proposal is free play and sensitive listening. The autobiographical narratives showed the importance of the connection between the woman-educator and the child who lives in her, in order to be effectively with the young children without exercising adult-centrism.*

1 Pedagoga, professora municipal temporária em Bonito/MS. ORCID: 0000-0003-0775-6209.

2 Professora - FAED/UFMS. ORCID: 0000-0002-3578-8032.

The field research generated hope, with the recording of young children who lived their childhood with and in nature.

Keywords: *Early Childhood Education. To play. Small children. Autobiographical narratives.*

Introdução: mergulhada nos ruídos urbanos, com o coração nas matas

É possível também considerar prioritário garantir o direito de brincar e de mobilidade às crianças e idosos, buscar segurança na solidariedade e participação, defender a estética urbana como um bem indispensável.
(Francesco Tonucci)

Historicamente, as cidades foram se tornando conglomerados de construções projetadas para atender as moradias familiares e os locais para atividades sociais e econômicas, avançando sobre os espaços naturais (TONUCCI, 2020). As ruas e as avenidas, projetadas para transportar mercadorias e conduzir as pessoas, foram sendo ocupadas por veículos e, em maior ou menor grau, se tornaram perigosas para segmentos da população, principalmente crianças pequenas e pessoas idosas (TONUCCI, 2020).

Antigamente, na vida do campo, nos vilarejos e nas cidades pequenas, as crianças conviviam nos espaços localizados no entorno de suas casas e as pessoas adultas zelavam por suas integridades, havendo regras claras sobre atitudes e comportamentos, evidenciados por Tonucci (2016, s.p.): “[...] a autonomia não é fruto do abandono, ela é resultado do amor e da confiança.”

Essa concepção de confiar nas crianças, dialoga com as memórias de infância de Ariela brincada nas ruas, nas praças, nas matas. Em Bonito/MS, comendo frutas colhidas nas árvores, as crianças se conectavam com os ciclos na natureza e se lambuzavam de vida. As pessoas adultas confiavam, observavam a distância e, geralmente, as crianças resolviam seus conflitos.

Em alguns locais, essas experiências ainda acontecem, mas há uma predominância de vivermos, nas cidades, uma cultura de desconfianças e de medos que age diretamente na diminuição da autonomia e no cerceamento da liberdade das crianças pequenas. Tonucci (2016; 2020) e Tiriba (2010) ressaltam que a vida moderna

reduziu os espaços de circulação das crianças pequenas, que estão cada vez mais emparedadas em suas casas e nos espaços educacionais institucionais.

Para Tiriba (2010), as crianças são seres da natureza e têm direito de estar, a maior parte do tempo de suas infâncias, em espaços arejados, bonitos e ensolarados, com diversidade de materiais orgânicos (folhas, galhos, terra, água etc.), que se misturam e criam enredos para narrativas, contação de histórias, desenhos, pinturas e outras tantas atividades brincantes, ensinantes e aprendentes.

No entanto, Bonito, localizado na região da Serra da Bodoquena, no sudeste de Mato Grosso do Sul (MS), teve sua dinâmica alterada nas últimas décadas. A visibilidade assegurada para as belezas da região atraiu investidores que, gradativamente, foram transformando as dinâmicas locais, com foco no turismo que se volta para atrair visitantes (MARIANI, 2000).

Como uma pessoa nascida e criada em Bonito/MS, não há como Ariela desconsiderar as diversas transformações que ocorreram na cidade que, com o tempo, foi reduzindo espaços e suscitando mudanças na maneira de enxergar as infâncias e as suas relações com a cidade.

Com essa contextualização, a revisão de literatura (TIRIBA, 2010; TONUCCI, 2016, 2020; PIORSKI, 2016) buscou melhor compreender os espaços e os tempos brincantes nas concepções político-pedagógicas de uma instituição educativa que quer ampliar, potencializar e consolidar práticas do livre brincar com as crianças, mergulhadas na natureza.

Nesse chão epistemológico, elaboramos as perguntas que orientaram a pesquisa: Como as experiências vividas no decorrer da história de vida de uma criança-mulher-mãe-educadora gestam sensibilidades de estar com e na natureza, exercitando a liberdade e a escuta com as crianças pequenas? Qual educação infantil as crianças querem e têm direito para se conectarem com as suas humanidades? Na sequência, o objetivo geral foi compreender as nascentes de uma proposta de educação infantil que se abre para experiências político-pedagógicas a serem vividas com as crianças, em espaços externos e com a natureza, na cidade de Bonito/MS.

A definição dos caminhos metodológicos buscou melhor compreender os processos de constituição de uma educadora, por meio de princípios fundantes das narrativas autobiográficas (LAMEIRÃO, 2014; ECKSCHMIDT, 2011), em diálogo com uma proposta de educação infantil que busca assegurar a liberdade de cada criança ser quem nasceu para ser. Considerando as nascentes das pesquisas autobiográficas, foi

construído um caderno de registros das memórias, a partir de escutas diárias que associavam passado e presente – memorações (BENJAMIN, 1980). No processo, esses registros eram relidos, ampliados, recortados, reescritos, na compreensão de que, no dinamismo da vida, as experiências vão se resignificando.

Rememorar a infância e a trajetória de criança-mulher-mãe-educadora foi desafiador, pois em toda a vida há sombras, memórias que ainda machucam, saudade do que foi vivido e maior saudade do que sequer foi experimentado. Confiante, Ariela assumiu o desafio de compartilhar suas memórias: “Foi um exercício encantador, instigante e assustador, quando experiências vividas, quase esquecidas, vinham para a superfície sem uma ordenação cronológica: infância, vida adulta, infância, ser mulher, maternidade, infância, ser educadora...”

Uma criança-mulher-mãe-educadora buscando a si mesma

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz
comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas
garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas
raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas.
(Manoel de Barros).

A escolha do tema de pesquisa tem interfaces com a criança que habita Ariela em diálogo com sua maternidade e seus exercícios docentes, gestadas na autoescuta. O exercício de compartilhar partes da autobiografia se fez no viés do encantamento que as histórias provocam e, na compreensão de Eckschmidt (2011, p. 19), de que “todos têm histórias para contar, [...]”. Assim:

Difícil começar. São tantas as lembranças que ressoam e se misturam a profundas emoções. Por isso, nesse texto vou me permitir lembrar do belo, dos cheiros que sentia do mato perto da minha casa, das brincadeiras no pé do morro, das histórias que contavam do saci e do porco espinho do mato.... Tudo que vivenciei de bom, em minha infância, está relacionado à natureza e às belezas de minha cidade - Bonito/MS. [...]. Os caminhos pela educação, que resolvi trilhar, sempre estiveram ligados às minhas memórias afetivas, olfativas, lugares que eram meus e das meninas e meninos que tinham a cidade como seu quintal, seu chão.
(Autobiografia, excerto 1)

Ariela sempre morou em um bairro pequeno, rodeado por morros. Uma paisagem bonita, que alimentou a imaginação, com o misticismo dos ritmos da natureza

que se misturava com a cidade. Eram os encantamentos das cores dos ipês florescendo, dos seus aromas, do seu viver pulsante e efêmero, das estações do ano, a coloração das folhas na primavera e na chegada do inverno. A mata exala aromas indescritíveis, as cores das folhagens mostram um verde cheio de vida... Experiências vividas na inteireza de pisar o chão de pés descalços, de sentir o vento nos cabelos, de escutar o canto dos pássaros. Experiências impossíveis de viver entre quatro paredes, com pouco tempo para as crianças viverem esses encantamentos (TIRIBA, 2010).

Em Bonito/MS, a natureza é generosamente bela e nossa vontade, como educadoras, é que as crianças pequenas vivam experiências de liberdade ao ar livre, em tempos alargados, sem paredes e sem muros. Compreendemos que é essencial experimentar, desde os primeiros anos da vida, que somos seres da natureza, assim como somos seres das culturas. Na instituição educativa, na qual Ariela trabalha, denominado “Jardim Recreativo do Mato” (doravante apenas Jardim), elementos da natureza são disponibilizados para que as crianças olhem, toquem, sintam as temperaturas, os cheiros, as texturas, os sons de cada um. As mãozinhas tocam, exploram e inventam no fluir livre e criativo do brincar que gesta profundas conexões com a vida. Escrever este artigo foi inquietante e Ariela escolheu compartilhar suas boas memórias:

Ao ler Tiriba (2010) agradeço a minha sorte de ter nascido tão junto da natureza, pois ela é infinita para a imaginação e para o faz-de-conta. Foi assim, pelo olhar, pelo cheiro, pelo toque e principalmente por ter brincado muito na minha cidade que hoje me desafio a ser uma educadora diferente, ouvir e sentir mais a natureza pulsante e sua profunda relação com o meu ser mais profundo. O lugar no qual vivi a minha infância tem vida, cheiros e sabores que guardam memórias e trazem o sentimento de ser parte de vários coletivos.

Foram essas aventuras que contribuíram para eu ser tão curiosa e experimentadora das coisas, pois penso que, se a minha infância não fosse tão cheia de natureza para tatear, brincar, escutar, sentir, comer e olhar, eu não traria tanto dela para minhas experiências como educadora. Tudo o que pude viver de bom e belo tento compartilhar com as crianças e com as minhas três filhas.

Minhas tias eram tão adultas e tão crianças ao mesmo tempo. Adoravam brincar na rua.... Queimada, bandeirinha, esconde-esconde, era muito divertido. [...].

Outra lembrança é de como as mulheres se ajudavam e, enquanto faziam os serviços de casa, brincávamos na rua, na pracinha, no pé de goiaba,

no açude do morro. Não havia medos, havia felicidade e tudo podia se tornar brincante: pedra, pau, folha, terra, pilha de tijolo e tantas outras coisas. Que bom que lembrei disso, muitas coisas fazem sentido só agora, quando sou eu a tia e a mãe que cuida dos sobrinhos, dos primos, das filhas, das crianças que visitam minha casa para brincar. Desejo que levem lindas memórias desse brincar para a vida toda, pois as infâncias são para serem vividas com alegrias, risos, bagunças! (Autobiografia, excerto 2).

Essas lembranças de felicidades, vividas no coletivo familiar, com liberdade para ir e vir, são ressaltadas por Tonucci (2020, p. 237), ao afirmar que: “A casa era o lugar fundamental de segurança, das necessidades básicas, de cumprir tarefas de casa. Mas necessitava-se sair para encontrar amigos, para brincar, para ir ao bar, ao cinema, à biblioteca.”.

Nos exercícios de ser mãe, Ariela percebeu que revisitar algumas memórias da sua vida, possibilita rever e modificar jeitos de ser cotidianos, pois, como afirma Lameirão (2014, p. 74): “Rever as histórias da própria vida possibilita uma reflexão imaginativa sobre a nossa prática, trazendo reais modificações [...]. Por isso, é importante investir na pessoa e dar luz ao saber da sua vivência”.

Ao aprofundar as narrativas autobiográficas, Ariela foi vivendo a proposta do Jardim, mas também compreendendo as resistências que enfrenta porque seu jeito criancero impacta as pessoas mais conservadoras. Não raras vezes, ao adentrar nas matas para coletar coisas do chão, Ariela ouve comentários preconceituosos: “Pra onde vai com esse monte de galhos e folhas?”; “As crianças vão colocar sujeira na boca.”. “Cuidado, pode ter algum bicho!”. No entanto, ela não se intimida, pois as experiências vividas proporcionaram outros olhares que fazem Ariela questionar o porquê de a educação infantil ainda proporcionar tão poucas interações das crianças com a natureza, se fechando com muros e paredes, encontrando em Tiriba (2010, p. 8), inspiração para seu fazer cotidiano:

[...] não se trata de aprender o que é uma árvore decompondo-a em suas partes. Mas de senti-la e compreendê-la em interação com a vegetação que está ao redor, com os animais que se alimentam de seus frutos, com as nuvens que trazem chuva, com a sensação agradável gerada pela sombra em que brincamos.

Rememorando a sua infância, Ariela foi percebendo que é nas brincadeiras livres que vamos descobrindo quem somos e quem são as crianças. Estar com e na natureza é caminho de se perceber unicidade e sentirmos a essencial experiência de sermos

natureza, terra, rio, diversidade. Atualmente, como mãe e professora, percebe que Bonito ainda tem muitos lugares para o brincar acontecer, mas, às vezes, as crianças já não sabem encontrar esses espaços, já não sentem o sabor de pisar no chão de terra, já não sentem a liberdade de se jogarem nas águas cristalinas dos rios.

No entanto, quando criamos coragem e mergulhamos na esperança, o mesmo contexto que traz impedimentos, oferece os antídotos para a cura. Para Ariela, esse antídoto veio por meio de um convite para uma entrevista de emprego bem diferente, trabalhar com crianças pequenas, num espaço criado por famílias que pensavam, sentiam e queriam possibilitar uma educação que respeitasse a liberdade individual de cada criança e a potência do coletivo, como ela conta:

Logo nos conectamos com a importância de educar com amor e liberdade, respeitando cada criança e suas subjetividades, mas como parte de um coletivo. [...]. A partir desse momento me vi sendo uma educadora em processo de construção constante e, apesar de todas as dificuldades, tenho certeza que escolhi certo. (Autobiografia, excerto 3)

Com o passar dos anos, Ariela foi ampliando e fortalecendo as suas convicções, buscando uma educação infantil que seja caminho de potentes experiências vividas de corpo inteiro, efetivadas para além dos muros institucionais e experimentadas com múltiplas linguagens. O exercício de escrever e reescrever a sua trajetória de vida, no exercício autobiográfico, ainda é inicial para afirmativas contundentes, mas se constitui como indicativo de que a criança-mulher-mãe-educadora estão imbricadas na unicidade de ser uma e, dialeticamente, ser muitas.

Era uma vez crianças que nasceram em famílias que acreditam em uma educação com a natureza

Para bem criar passarinhos há que deixá-los soltos para escolherem e esconderem os seus ninhos entre as árvores, varandas e telhados.
(Bartolomeu Campos de Queirós).

As praças das pequenas cidades, de maneira geral, são locais de encontros, de conversas, de brincadeiras. Na Praça do Peixe, em Bonito/MS, algumas famílias se encontraram e, de conversa em conversa, foram percebendo que compartilhavam do mesmo questionamento: O que fazer quando não encontramos um lugar de educação infantil que, de fato, acolhe as crianças e respeita a liberdade delas ao brincar livre?

Essas inquietações nasceram em famílias que compreendem que as crianças pequenas têm o direito de viver as suas infâncias, sem antecipar os processos de escolarização. Para elas, cada criança é como uma semente que traz em si as potências da vida que cada uma nasceu para ser, a partir de uma sabedoria que está dentro e que deve ser delicadamente escutada, percebida.

A primeira ação concreta foi buscar um espaço que favorecesse a efetivação da proposta e foi encontrado um imóvel com um grande quintal. As ideias foram amadurecendo, foi constituída uma associação e o sonho virou “Jardim Recreativo do Mato”, localizado em uma região periférica, com 100 m² de área construída e 300 m² de área verde. A escolha desse espaço, pelas famílias, se fez a partir das possibilidades financeiras, mas acima de tudo por seu quintal com terra e grama, no qual as crianças poderiam viver encantadoras experiências. Estrutura disponível, faltava uma professora.

É a partir desse momento que surgiu um dos maiores desafios do coletivo de famílias: Como encontrar uma professora que se alinhasse com uma pedagogia que se distanciasse das rotinas tradicionais da maioria dos centros de educação infantil? Uma professora sensível para estar com as crianças e escutar suas palavras e seus silêncios? Foi nesse momento que Ariela passou a fazer parte dessa história:

Sinto, nessa experiência, que o caminho se faz a cada dia, com as crianças e as famílias. Vivo dias encantadores, mas desafiantes. Trabalho com uma educação sensível e criativa, na construção de potentes conexões com o ser de cada criança, também com a criança que me habita. (Autobiografia, excerto 4).

No terceiro ano de funcionamento, por meio de mutirões com as famílias, foi organizada uma cozinha externa, juntamente com a varanda, sendo essa a sala principal para viver os cotidianos. Na cozinha há fogão, armário de mantimentos, balcão de madeira e uma geladeira. Na varanda há duas mesas, sendo o local para as refeições e as atividades externas, exceto nas épocas de frio, quando é utilizada uma sala fechada. Nada é luxuoso, excessivamente asséptico, demasiadamente organizado. A proposta é que as crianças possam circular, se envolver em diferentes fazeres, com acesso livre aos espaços e tempos podendo se sujar, bagunçar e brincar, com a concepção de que tudo é para ser tocado, experimentado, imaginado. Há árvores frutíferas, horta com ervas medicinais, escorregador, escalador de pneus, balanços e caixa de areia.

No Jardim as avaliações são realizadas pelo coletivo, para acompanhar se a proposta político-pedagógica está sendo efetivada. Atualmente, há 18 crianças participando, com idades entre um ano e seis meses até cinco anos. Também há três

crianças com seis anos, que frequentam o Ensino Fundamental I no matutino. Há um roteiro semanal, para orientar o trabalho e situar as crianças que são acolhidas com o brincar livre que, a depender do dia, prossegue com: colagem com materiais naturais (folhas, gravetos, sementes etc.); preparação do pão; pintura e aquarela; modelagem com argila e elementos naturais; organização dos materiais; passeios no entorno; contação de histórias etc.

Com esses ritmos flexíveis, não há dificuldades para que as crianças se envolvam e permaneçam entregues até que uma música anuncie a troca de local e/ou de atividade. As cantigas e histórias permeiam vários momentos da tarde, com um planejamento flexível, que acontece em harmonia com os tempos e os ritmos das crianças, com fundamentação em Stirbulov e Laviano (2015, p. 3): “O que é melhor para nos mostrar o que é ritmo senão a própria natureza?”.

Nesse estradar, as tardes são leves, harmoniosas, aprendentes e ensinantes. As horas vão fluindo sem pressa e, passar de uma linguagem para outra, se faz com serenidade e gentileza. Os corpos das crianças estão livres, expostos aos diversos brincares. Não há uniforme, não há padrões de roupas, não há cabelos muito penteados, não há sofisticação. Há liberdade, escuta, possibilidades, experiências, narrativas, coletivo.

Ressaltamos que essa proposta, construída e reconstruída com as crianças e famílias, não é uma experiência isolada. Há significativos e potentes movimentos que se espalham pelo Brasil e que buscam, intencionalmente, transformar nossos jeitos de estar com as crianças pequenas por meio de uma práxis fincada nos princípios do brincar livre em conexão com a natureza, com as múltiplas linguagens, com os tempos alargados e com as culturas infantis.

Uma dessas experiências é a do “Movimento dos Quintais Brincantes” que, desde 2019, quer, coletivamente, reunir pessoas para ampliar as escutas, os olhares e as sensibilidades para estar com as crianças pequenas de jeitos mais livres, alegres e criativos em instituições vivas, dinâmicas, mutantes. Em recente publicação coletiva do Movimento dos Quintais Brincantes (2022, p. 19), assim se apresentam: “Somos um ninho de pessoas insatisfeitas com as caixas que enquadram nosso sistema educacional, aumentam as diferenças sociais e a pressão ambiental.”.

Esse compartilhar evidencia que a educação infantil, que queremos ajudar a construir, não é uma busca excêntrica e isolada. Ao contrário, somos parte de coletivos que reconhecem que as crianças querem liberdade para brincar as suas infâncias e que

já estão entediadas de tantos adultocentrismos, de tantas tarefas, de serem projetadas para o amanhã. As crianças criam engenhocas lindas que, depois de brincadas, são desconstruídas e abandonadas, pois brincar é assim. E o que se faz não é para enfeitar prateleiras, é para potencializar nossas memórias e ampliar a alegria em nossos corações.

Considerações que não são finais

A criança não se impressiona com a superficialidade formal. Há sempre, de sua parte, um interesse maior pela substância e menor pelo resultado.
(Gandhy Piorsrk).

As memórias de Ariela evidenciam como os processos que nos constituem professoras/es, com as crianças que frequentam a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I, são complexos. Os quatro anos de licenciatura em Pedagogia pedem o afloramento das memórias da infância para que as teorias dialoguem com as experiências pessoais e transgridam as práticas impostas e normativas. Nesse percurso brincante, e de múltiplas linguagens, é essencial que as pessoas adultas mergulhem, com as crianças, nas infinitas possibilidades de ser e de estar no mundo e nas instituições educativas.

A existência do Jardim Recreativo do Mato e do Movimento dos Quintais Brincantes, evidencia que é possível cuidar e educar com um olhar sensível, com concepções político-pedagógicas que norteiam os cotidianos. No entanto, este é um percurso aprendente, a ser construído no coletivo. No caso específico apresentado, há buscas e movimentos. Os silêncios, as risadas e os choros são linguagens que pedem escutas. As histórias de vida se misturam, em unicidade, com os processos formativos e a práxis profissional.

Referências

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. Textos escolhidos. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMANS, Jürgen. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores. p. 01-85.

ECKSCHMIDT, Sandra. **A arte de lembrar e esquecer**: narrativas autobiográficas de professores(as) sobre a sua infância. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, 171 p. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/a-arte-de-lembrar-e-esquecer/>> Acesso em: 19 maio 2021.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança brincando**: quem a educa? São Paulo: João de Barro, 2014.

MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. **Geografia e turismo no paraíso das águas**: o caso de Bonito. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000. 256f.

MOVIMENTO QUINTAIS BRINCANTES. Quintais brincantes: sobrevoos por vivências educativas brasileiras. Brasil, 2022. 110 p. Disponível em: <<https://criancaenatureza.org.br>> Acesso em: 03 mar. 2022.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para criar passarinho**. Belo Horizonte: Miguilim, 2000.

STIRBULOV, Sandra; LAVIANO, Rosemeire. **A arte de educar em família**: os desafios de ser pai e mãe nos dias de hoje. São Paulo: All Print, 2015.

TIRIBA, Lea (Consultora). Crianças da Natureza. Ministério da Educação e do Desporto. Coordenadoria de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6679-criancasdanatureza&Itemid=30192> Acesso em: 30 abri. 2022.

TONUCCI, Francesco. Francesco Tonucci: a criança como paradigma de uma cidade para todos. Entrevista concedida a Raiana Ribeiro, em 21 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/francesco-tonucci-a-crianca-como-paradigma-de-uma-cidade-para-todos/>> Acesso em: 30 abr. 2022.

TONUCCI, Francesco. O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. **Revista Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, Bahia. vol. 16. N. 40, p. 234-257 jul/set 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6897>> Acesso em: 03 jun. 2022.